



CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E DE SENTIDO: FUNDAMENTOS DO LESTE E DO OESTE EUROPEUS TOMADOS SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Ana Zandwais¹

Resumo: Este estudo busca refletir em torno das especificidades de concepções de língua formuladas durante o final do séc. XIX e início do séc. XX, no contexto do oeste europeu, por alguns autores como Michel Bréal ([1897] 1992), Antoine Meillet ([1921] 1982) e Ferdinand de Saussure ([1916] 1995), na tentativa de explorar a heterogeneidade de tais concepções e colocando-as, ao mesmo tempo, em contraponto com concepções de língua formuladas durante o séc. XIX e as três primeiras décadas do séc. XX, no contexto do Leste europeu, a partir das leituras de Irina Ivanova (2023) sobre o estatuto adquirido pela língua russa durante o séc. XIX e de obras de autores como Lev Jakubinskij (2015) e Valentin Volóchinov ([1929] 2017).

Palavras-chave: Língua. Correlações. Leste Europeu. Oeste Europeu.

Abstract: This study aims to reflect upon specificities of language conceptions during the end of 19th century and the beginning of 20th century in the West European context, developed by some authors as Michel Bréal ([1897] 1992), Antoine Meillet ([1921] 1982) and Ferdinand de Saussure ([1916] 1995), trying to explore the heterogeneity of these conceptions and, at the same time, establish correlations with conceptions of language produced during the 19th century and the first three decades of the 20th in the East European context, bringing as references the readings of Irina Ivanova (2023) on the status acquired by Russian language in 19th century and the writings of authors as Lev Jakubinskij (2015) and Valentin Volóchinov ([1929] 2017).

Keywords: Language. Correlations. East of Europe. West of Europe.

Introdução

O tratamento dado às concepções de língua e de sentido nos contextos do leste e do oeste europeus durante o final do séc. XIX e as primeiras décadas do séc. XX tem apresentado inúmeras contradições que, ao longo da história, segundo nossa ótica, necessitam ser observadas, a fim de que possamos melhor compreender as diversidades desses contextos e suas consequências para o desenvolvimento de métodos descritivos/explicativos sobre o funcionamento da língua. Através deste estudo, buscamos refletir em torno de possíveis relações estabelecidas entre concepções humanistas de língua em contraponto a concepções positivistas, no contexto do oeste europeu, e concepções eslavófilas e materialistas durante o séc. XIX e início do séc. XX, no contexto do leste europeu.

¹ Docente dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura, e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS – área de Estudos da Linguagem.

Fundamentos linguísticos do séc. XIX: para iniciar uma reflexão

Iniciamos este texto com uma referência ao estudo desenvolvido por Eni Orlandi (1994, p. 53) em seu artigo intitulado “Discurso, imaginário social e conhecimento”: “A Linguística, para se constituir, exclui o sujeito e a situação (o que chamamos exterioridade)” e as Ciências Sociais tratam da linguagem como se ela fosse transparente. Esta afirmação de Orlandi assume um papel essencial para a reflexão que propomos em torno dos objetos da Linguística: a língua e o discurso – sob um enfoque histórico nos contextos do leste e do oeste europeus.

Se remontarmos ao final do séc. XIX no contexto do oeste europeu, podemos observar que a Linguística toma rumos contraditórios para tratar da língua. De um lado, temos abordagens essencialmente humanistas e historicistas que buscam refletir em torno de relações entre língua, subjetividade, sentido e história, como pode bem ilustrar a obra *Essai de Sémantique: science des significations*, publicada na França em 1897 por Michel Bréal.² Esta obra pode ser considerada um marco na história da Linguística por buscar refletir sobre as relações entre língua e subjetividade, visando tratar do funcionamento dos sentidos na contramão das bases do pensamento positivista dominante, sobretudo no séc. XIX, dentro do contexto francês.

É interessante observar que, sem abandonar as questões de lógica que regulam o funcionamento de uma língua, Bréal irá refletir sobre um conjunto de leis que permitem compreender determinados fenômenos que caracterizam os costumes e as condições de uso das línguas de forma comparada. Para este autor, são as diferentes transformações pelas quais as línguas passam, através do emprego que os falantes fazem delas, que permitem caracterizar suas leis de forma dinâmica.

Bréal (1992) dá destaque à lei da especialidade, que trata de simplificar o emprego de expressões múltiplas e complexas, que podem ser ilustradas através de relações comparativas e superlativas nas línguas modernas, com vistas a tornar as relações de comparação e de superioridade mais claras e acessíveis aos falantes. Assim, segundo ele, comparativos como *plus*, em francês, *più*, em italiano, e *mais*, em português, tornam-se expressões simplificadas sucedendo expressões gregas e latinas, como *plous*, *magis* etc.

Apresenta a lei da repartição, que por seu turno, permite compreender como determinadas palavras que deveriam ser sinônimas tomam sentidos diferentes, não podendo

² A publicação deste texto em 1897 consolida-se como um momento inaugural que passa a legitimar a institucionalização e o desenvolvimento de estudos de base semântica no contexto francês. Para fins de realização deste estudo, estamos trabalhando com a tradução brasileira de 1992.

mais ser substituídas umas pelas outras. Essa lei, segundo Bréal, implica a dificuldade de existir a sinonímia exata em uma língua, já que, ou os termos, em virtude de suas condições de uso, se diferenciam, ou um deles desaparece da língua.

A fim de exemplificar suas constatações, o autor observa que, sob uma perspectiva social e política, podemos atribuir “lugares às expressões sinônimas” (BRÉAL, 1992, p. 33). Conforme uma língua seja considerada superior ou inferior a outra, ou uma classe ou grupo étnico tenha maior ou menor prestígio, as palavras também adquirem maior ou menor prestígio.

Para os romanos, por exemplo, a palavra “*coquina* significava cozinha” (BRÉAL, 1992, p. 34), mas na medida em que a expressão sinônima *osco popina* é utilizada pelos plebeus, passa a significar taberna. Em português, a palavra *rude* pode significar tosco, inculto, mas, na medida em que faz referência às pessoas sem educação, sem instrução, passa, no uso coloquial, a co-ocorrer com grosso, ignorante etc.

Através da lei da irradiação, Bréal irá refletir em torno do modo como o emprego de determinadas palavras, sob certas circunstâncias, permite, através de relações de associação, derivar novos sentidos, antes inexistentes, mas que remetem em parte a associações feitas com as derivantes.

O autor traz alguns exemplos das línguas francesa e alemã que permitem ilustrar o modo de funcionamento dessa lei. Oriundo do latim, o sufixo *áster* desloca-se para a língua francesa que faz dele um uso mais livre, criando o sufixo *âtre* para designar palavras com efeitos pejorativos, como “madrasta (*marâtre*), dengoso (*belâtre*) e adocicado (*douceâtre*)” (BRÉAL, 1992, p. 43) conferindo, assim, novos valores às significações já existentes.

Na língua portuguesa, podemos ilustrar também com as expressões delocutivas, em que a derivação ou a composição de determinadas palavras a partir de outras produz novos efeitos semânticos. Assim, do substantivo *espinafre* podemos derivar o verbo *espinafrear* (alguém), dando a ideia de castigar, do adjetivo *quente* podemos derivar a expressão *quente da cara*, associação negativa que remete à ideia de estar bravo(a), furioso(a), do substantivo *mãe* podemos associar a expressão negativa *filho da mãe*, a fim de denegrir a honestidade de alguém, produzindo, portanto, um novo sentido que não pertence à ordem da língua.

Por fim, Bréal dá destaque à lei da analogia como uma das mais recorrentes no uso dos falantes. Segundo sua tese, a lei da analogia possui um lugar de destaque nas línguas, considerando que para a condição humana é mais fácil imitar do que criar. Deste modo, os falantes, tendo mais habilidades para imitar, elaboram paradigmas a partir de relações

analógicas com fatos de linguagem já existentes a fim de sistematizar as possíveis relações que podem fazer com os fatos da língua.

Exemplos comuns podem ser ilustrados através do emprego de sufixos para mudar as classes de palavras, transformando adjetivos em advérbios, ou substantivos em verbos, como em formal, formalmente, leal, lealmente etc. Ou ainda, o emprego de prefixos para produzir antônimas, já que os prefixos e sufixos acabam funcionando como paradigmas que dão sustentação à lei da analogia, como em solúvel, insolúvel, ataque, contra-ataque, favorável, desfavorável etc.

Voltando à questão do olhar especial de Bréal acerca das relações entre sujeito e língua, cabe observar que a postura humanista do autor está centrada exatamente “na condição de ser da linguagem”. Ou seja, para ele não há linguagem sem subjetividade. É a subjetividade a condição constitutiva de toda linguagem. Considerando, pois, que a condição humana está simultaneamente estruturada em torno da razão e da emoção, Bréal (1992, p. 158) observa que o aspecto subjetivo da linguagem pode ser marcado de diferentes formas: “por palavras ou membros de frase; por formas gramaticais” ou mesmo “pelo plano geral de nossas línguas”.

É, pois, através da tese de que a razão e a emoção convivem de modo inseparável na linguagem que o autor irá pontuar o fato de que o homem estaria longe de considerar o mundo como observador ao falar, pelo contrário, sua própria fala permite que ele fale de si. Portanto, para Bréal, não haveria a alternativa de separação entre o sujeito e a língua para tratar do funcionamento desta última e, sobretudo, do modo como ela produz sentidos no campo prático. Para Bréal (1992, p. 161), é esta relação que permite entender que “a fala não foi feita para considerações desinteressadas”, é ela que possibilita observar sob que pontos de vista os falantes agenciam sua linguagem.

A partir de uma concepção de linguagem atravessada pela subjetividade, cujas marcas permitem compreender como os sujeitos são falados, através de suas escolhas lexicais e gramaticais para interagir com o outro, é que Bréal irá conferir ao mesmo tempo um estatuto ontológico, racionalista e histórico à sua teoria, recusando a hegemonia de pressupostos naturalistas e mecanicistas para tratar do modo como a linguagem significa os sujeitos.

É importante dar destaque ao fato, conforme assinala com muito propriedade Maurice Leroy (1971), de que a proposta de Bréal não poderia encontrar na evolução linguística uma marcha em linha reta, sem flutuação ou desvio, já que o que ele persegue em suas descrições está pautado em seus métodos que consistem da observação do comportamento dos fatos da

língua, a partir do que ele denomina de percurso da “marcha do povo”³. Parece-nos, então, que o espaço aberto ao trabalho da contradição na teoria de Bréal é instituído através das relações que o autor estabelece entre os aspectos formais da língua e as condições através das quais tais aspectos são mobilizados pelos sujeitos para significar, significando-os ao mesmo tempo.

As repercussões de sua concepção humanista de língua encontram ecos distintos, no entanto, ao longo do séc. XX, no contexto do oeste europeu. A teoria de Bréal não irá “passar em branco” nas leituras gramscianas, por exemplo. Em *Concepção dialética de história*, ao tratar do modo como as questões histórico-sociais se refletem na linguagem, Gramsci (1989) faz referências às contribuições de Bréal, sobre as condições dinâmicas em que este trata das transformações semânticas da língua, para assinalar o fato de que as significações não evoluem ou se transformam de modo independente das relações sociais e de suas realidades regionais, estando o terreno das questões semânticas afetado, de modo invariável, pela ação do povo e da história sobre as sistematicidades da língua.

A presença de fundamentos positivistas na linguística do oeste europeu

Se nos reportarmos, por outro lado, às contribuições de Antoine Meillet (1921),⁴ que fora discípulo de Bréal, veremos que este se aproximou muito mais das bases do pensamento de Augusto Comte.⁵ Meillet foi, no entanto, um grande leitor de Emile Durkheim,⁶ que era filósofo, antropólogo e cientista político, e que também teria sido influenciado pelo pensamento de Augusto Comte.

Meillet incorporou em sua teoria sobre a língua algumas noções oriundas da obra de Durkheim, tais como a noção de língua como fato social, como instituição social, porém, reformulando-as na medida em que, para este último, a língua somente poderia ser pensada como um fato social na medida em que os estudos sobre ela se debruçassem na investigação de seu desenvolvimento social, buscando conciliar investigações acerca das mudanças linguísticas com estudos sobre as estruturas das sociedades em que determinadas mudanças ocorrem.

³ Designação do próprio Bréal a respeito do centro de sua ótica em “Ensaio de Semântica (1992)

⁴ Para fins de realização deste estudo, trabalhamos com o texto publicado por La Société de Linguistique de Paris – VIII em 1982.

⁵ Dentre as obras de Augusto Comte, filósofo e sociólogo, damos destaque ao *Curso de filosofia positiva* (1978). Antoine Meillet, por seu turno, era filólogo de formação e um estudioso das línguas indo-europeias, tendo sua obra sido questionada por outros autores em virtude de suas posições paradoxais.

⁶ Dentre as obras de Durkheim, damos destaque a *Da divisão social do trabalho* (1999) e *Ética e sociologia da moral* (2016).

A influência dos estudos desenvolvidos por Durkheim seria uma das saídas de Meillet de um horizonte mais positivista, que poderia ser relativizado através da realização de estudos sociológicos e comparativistas.

Talvez o fato de Meillet ter sido leitor tanto de Bréal como de Saussure tenha lhe permitido desenvolver um outro viés que daria feição própria a seus estudos de base comparativista e que podem ser ilustrados a partir de obras como *Linguistique Historique et Linguistique General* (MEILLET, 1982).

Um dado curioso que marca todo esse conjunto de contradições, e que nos permite compreender que os estudos linguísticos foram gestados no âmago do positivismo, consiste de referências feitas por Jean Louis Calvet (2006) em *Sociolinguistics: The Essential Readings*, publicado pela Blackwell Publishing, em que este autor se reporta ao desencontro de compreensões entre Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet acerca da obra de Durkheim.

Por que esta relação?

Se nos reportarmos à concepção de língua apresentada pelo *Cours de linguistique générale* (1916),⁷ é importante salientar que, partindo do pressuposto de que “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1995, p. 15), o Curso observa que, embora a linguagem tenha um lado individual e outro social, é preciso “colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 1995, p. 16-17). Para o Curso, a língua não pode ser confundida com a linguagem, sendo somente uma parte essencial da última: um produto herdado e ao mesmo tempo adquirido e convencional.

O modelo ideal de língua – sistêmico – é regulado por um conjunto de antinomias tais como: sincronia e diacronia, significado e significante, imutabilidade e mutabilidade, relações sintagmáticas e paradigmáticas, social e individual, entre outras, que garantem a hegemonia de determinados aspectos sobre outros, colocando no centro de suas descrições as relações convencionais e estáveis.

Segundo Calvet (2006), tanto o Saussure a que tivemos acesso através do *Curso de Linguística Geral*, como Meillet (1904), em “Comment les Mots Changent de Sens”, publicado no *Jornal de Durkheim* (1905-1906), reportam-se à língua como fato social, no entanto a concepção de social para cada um desses autores não seria a mesma e parece constituir um estranho diálogo em que não houve trocas.

⁷ Para fins de realização deste estudo, servimo-nos da tradução brasileira, *Curso de linguística geral*, datada de 1995.

Saussure opôs o social ao individual e conferiu, à língua, a condição social revestida de um caráter abstrato e, à fala, um caráter individual revestido de um caráter concreto, no entanto privilegiou a primeira condição.

Meillet, por outro lado, não compreendia a cisão saussureana entre o social e o individual, marcada pela oposição entre língua e fala. Para ele, não se poderia compreender uma língua fora de suas relações com os grupos sociais, a sociedade e a nação.

O “diálogo de surdos” para o qual Calvet (2006) chama a atenção, segundo nossa ótica, situa-se no fato de que ambos apropriaram-se de concepções de Émile Durkheim, todavia, enquanto Saussure tentou situar-se em torno de características centrais da língua e dos signos, caracterizando os últimos por incorporar aspectos psíquicos que determinam a natureza das imagens acústicas e da própria língua, Meillet irá criticar a tentativa de explicar a língua e os signos por fatores marcadamente psíquicos e deslocar suas concepções para os âmbitos histórico e social sob um viés comparativista.

As tendências dominantes no leste europeu

Já no contexto do leste europeu, veremos que as tendências hegemônicas nos domínios dos estudos linguísticos, ao final do séc. XIX e início do séc. XX, também não escaparam à influência de paradoxos entre correntes positivistas e de princípios excludentes, sobretudo porque a Rússia, desde o séc. XIX, estaria dividida entre a língua da igreja e o russo vernacular.

Segundo Ivanova (2023), pode-se estabelecer distinções entre duas correntes dominantes no contexto russo. A) uma corrente que se desenvolveu sob a hegemonia da igreja ortodoxa e que se sustentou na ideia da origem divina, podendo ser ilustrada pelo lugar que a palavra ocupa desde o Velho Testamento, representada pela energia divina encarnada no verbo.

Esta abordagem é associada aos movimentos eslavófilos que buscaram identificar-se histórica e culturalmente de modo distinto das influências histórico-culturais do oeste europeu. B) A segunda corrente, conforme Ivanova (2023), tomou como modelo uma concepção de língua emprestada das ciências naturais, tendo sido desenvolvida sob as influências do positivismo e da Psicologia experimental,⁸ de tal modo que as relações de

⁸ Conforme a autora, a concepção naturalista de língua teria sofrido influências das ideias do positivista inglês Herbert Spencer e das questões de Psicologia Social de Wilhelm Wundt, notadamente.

analogia entre as ciências naturais e a Linguística teriam dado sustentação ao princípio de que a Linguística seria uma ciência natural.

Deste modo, para Ivanova, na tradição ortodoxa a concepção de língua seria indissociável da ideia de energia criativa espiritual “dar slova” ou o dom da palavra, compreendida como a condição essencial que distingue o homem do animal, vindo a caracterizar um dos fundamentos centrais da filosofia dos eslavófilos.

Ivanova também coloca em destaque o fato de que, mesmo tendo sido influenciada por bases positivistas de ciência, a abordagem formalista que buscou tratar de uma concepção de língua a partir de critérios formais, tomou características próprias no contexto russo, desde o séc. XIX, com as questões propostas por Phillip Fortunatov,⁹ fundador da Escola Linguística de Moscou, que buscou dar destaque à natureza social da língua, caracterizando as relações entre língua e pensamento como indissociáveis, bem como tratou de colocar em evidência os papéis de abstração e de objetivação produzidos por meio dos signos linguísticos.

Sob esse enfoque, portanto, a descrição do funcionamento da língua não estaria somente ligada a questões de estrutura formal, mas também às questões sociais e culturais do povo russo, o que contribuiu para que as relações entre língua e literatura russas pudessem constituir amálgamas tanto para consolidar uma identidade nacional do povo, como para elevar sua autoestima, já que a aristocracia russa privilegiava a língua francesa, enquanto a língua russa estava identificada somente às camadas mais despossuídas da nação.

Diante desta realidade, a questão nuclear para os intelectuais russos, portanto, consistiu em resgatar a identidade do povo pela legitimação de uma língua nacional que teria como “espelho” o modelo vernacular, as regras gramaticais e o estilo erudito. E o inspirador deste modelo de língua – o Grande Russo, que mais tarde, durante os anos 1930, será referido por Stalin como “a língua de todo povo” – teria sido a figura de Puchkin,¹⁰ considerado o fundador e criador da língua literária russa.

Conforme Crausaz-Simon (2009),¹¹ a língua de Puchkin passa a ser um modelo tanto de expressão como de rigor linguístico: modelo a ser seguido pelos falantes. Assim, a língua do poeta, do escritor, do intelectual passa a ser sinônima de língua nacional com vistas à criação de uma identidade própria para o povo russo, dando ênfase a uma visão de

⁹ Reportamo-nos às questões propostas por Fortunatov por entendermos que são elas que irão determinar, para o séc. XX, as relações dominantes que os intelectuais russos estabelecem entre língua, cultura e sociedade.

¹⁰ Cabe dar destaque à notoriedade dos textos de A. Puchkin entre os intelectuais russos, por sua maior valorização à norma culta em detrimento dos usos coloquiais, podendo, nos contextos lusitano e brasileiro, estar associado a autores como Luís de Camões e Machado de Assis.

¹¹ Fazemos referência ao texto “A.S. Puskin: Créateur de Langue? Regard sur une quête identitaire persistante en URSS”, publicado em *Philologie Slave*, Lausanne, 2009.

normatividade, de continuidade, e apagando as condições históricas concretas de heteroglossia, capazes de configurar tanto a heterogeneidade do povo como a da própria língua russa.

Essa busca por uma identidade através da reificação da língua, dando destaque à forma escrita, às normas e ao estilo vernacular próprio dos intelectuais, é também acompanhada por duas questões centrais: a) a rejeição da dominância de valores da Europa Ocidental; e b) a reivindicação de uma trajetória própria para a nação russa, fortemente sustentada no lastro linguístico, diferente do ocidente. Os russos, portanto, precisavam mudar seus padrões, pois estavam sob o jugo de fundamentos do oeste.

Uma das consequências deste movimento consistiu em conscientizar os intelectuais do séc. XIX com a ideia de que a Rússia não seria inferior às outras nações, mas seria bastante afetada por parâmetros europeus ocidentais, já que o francês era a língua das classes dominantes e dos salões, enquanto o alemão era a língua da ciência e da academia, sendo a própria língua russa desvalorizada.

A busca por uma língua nacional, cujo modelo estaria representado por paradigmas de erudição, por uma normatividade rígida que tomou as obras de Puchkin como referência nacional, contribuiu para a constituição de uma identidade nacional, para um imaginário que pretendia colocar o povo russo em um patamar superior de cultura e literatura e que, mais tarde, durante o regime de Stalin, viria fortalecer um imaginário de língua e de nação homogênea.

Pode-se dizer, deste modo, que as obras de Puchkin encontram eco para a construção de um imaginário de nação com “identidade própria”, a qual iria refratar a diversidade de identidades que povoaram o território russo-soviético: bielorrussos, cazaques, tártaros, mongóis, caucasianos etc. e cujos falares permitem caracterizar a heterogeneidade da língua russa.

É graças a esse imaginário de “Grande Russo”, no entanto, que foram construídas as bases para a institucionalização de uma política nacionalista, buscando colocar a nação russa em pé de igualdade com os paradigmas de nação do oeste europeu, possibilitando, sob um prisma ontológico, representar o povo por seu ‘gênio literário’, por seus próprios padrões linguísticos, enfim, por sua própria língua e identidade nacional.

Conforme observa Sériot (2011, p. 34), as questões que mobilizam muitos linguistas soviéticos envolvem perguntas do tipo: “Qual o russo certo que é preciso saber e ensinar?”.

Assim, no centro dos estudos linguísticos populariza-se a “literaturnyj jazik”¹² que, contraditoriamente, durante o regime de Stalin, vem a representar os interesses comuns da nação, sendo pensada como ‘língua culta’, ‘língua acadêmica’, um paradoxo que culminou com a construção de um imaginário fictício de língua alheio à realidade do povo.

A força do positivismo dentro da nação russa poderia muito bem ser ilustrada através de uma referência à concepção do linguista russo Filin (1967),¹³ que se dedicou aos estudos de lexicografia e lexicologia, e foi diretor do Instituto de Linguística da Academia de Ciências da URSS durante os anos 1968, conforme ilustramos a seguir.

As normas da língua estabelecidas para um dado período da história pela sociedade são objetivas e existem de modo independente de circunstâncias particulares. Elas são o farol pelo qual todas as pessoas cultas devem orientar-se no mar infinito da língua (FILIN, 1979, p. 271).

Cabe considerar, por outro lado, que a segunda metade dos anos 1920 irá representar, dentro do contexto russo-soviético, um marco na história dos Estudos da Linguagem com o aparecimento de obras que virão não somente questionar, mas também contestar a hegemonia de estudos formalistas e positivistas no cenário da Linguística soviética.

Dentre diferentes autores e obras que defenderam visões antipositivistas de língua queremos dar, notadamente, destaque a dois autores e suas obras: I) Lev Jakubinskij, um dos fundadores do “Instituto da Palavra Viva”¹⁴ e precursor dos estudos de Sociolinguística no contexto russo que buscou, através de seus estudos, valorizar a importância de estudar a palavra falada, a linguagem do cotidiano, a dinâmica própria do funcionamento dialógico em diferentes formas de interação verbal. Damos destaque, aqui, a uma compilação de seus textos sobre esses temas publicada sob o título: “Sobre a fala dialogal” (JAKUBINSKIJ, 2015).¹⁵

A concepção sociológica de língua de Jakubinskij adquire uma importância capital para o desenvolvimento dos estudos antipositivistas e materialistas de feição soviética, na medida em que este autor buscou refletir em torno das relações entre formas de estratificação social e falares do cotidiano entre camponeses, trabalhadores das fábricas, dos mercados, das

¹² Conforme Sériot (2011, p. 34), a “literaturnyj jazik” não representaria simplesmente a língua literária, mas a língua normativa, correta, a boa língua.

¹³ Fazemos referência ao texto de F. Petrovich Filin de 1967 intitulado *O normax i stiljx literaturnogo jazyka* [Sobre a norma e os estilos da língua normativa].

¹⁴ O “Instituto da Palavra Viva” visava ensinar e estimular o campesinato e o operariado a falar em público, desenvolvendo o potencial de autoestima das forças sociais e estabelecendo vínculos entre o uso da palavra pelas forças sociais e as práticas democráticas.

¹⁵ Para fins de realização deste estudo, estamos trabalhando com a tradução brasileira, publicada pela Parábola Editorial, de textos escolhidos da edição de *Lev Jakubinskij, une linguistique de La parole (URSS, années 1920-1930)* organizada e traduzida para o francês da língua russa por Patrick Sériot e Irina Ivanova (2015).

feiras e nos centros urbanos, caracterizando, deste modo, as diferentes condições de segregação no interior de uma mesma língua nacional.

Através da demarcação dos traços de heteroglossia no interior de uma mesma língua, Jakubinskij explorou as condições fluidas do tratamento de uma língua como unidade glóssica, procurando demonstrar que as condições de funcionamento heteroglóssicas das línguas emergem como consequências das realidades socioeconômicas e da organização jurídico-política das sociedades.

O segundo autor ao qual queremos dar destaque é Valentin Volóchinov, que foi aluno de Lev Jakubinskij. No entanto, buscou aprofundar, sob uma rigorosa perspectiva materialista, tanto questões em torno das relações entre heteroglossia e o caráter de classe das línguas, como questões envolvendo relações entre língua, signos e ideologia, a partir de premissas de ordem dialética: a) a primeira seria a de que todo signo linguístico possui uma materialidade que é histórica e social e pode converter-se em signo ideológico ao inscrever-se em um contexto sociohistórico determinado; b) a segunda viria a definir o signo ideológico a partir de seu potencial de reflexão/refração dos fatos sociais; e c) a terceira, e uma das mais importantes premissas, seria a de que o signo ideológico está impregnado de valores, representando, portanto, posições assumidas pelos sujeitos na arena das lutas de classe, das correlações de forças entre elas.

Para Volóchinov, portanto, a materialização do signo vem a ser a condição que dá suporte a todo processo de atribuição de sentidos às palavras, sendo que a consciência de cada indivíduo, identificado como ser social, somente pode ser entendida como uma projeção do que lhe é externo, das relações vividas, formadas e presentes nos espaços sociohistóricos constitutivos de uma consciência social.

Algumas das contribuições fundamentais de Volóchinov para o desenvolvimento dos estudos semióticos são apresentadas em suas obras intituladas “Chto Takoe Jazik” (1930) e *Marksizm i Filossófia Jaziká* (1929),¹⁶ traduzidas para a língua Portuguesa sob os títulos “O que é a linguagem/língua” (VOLÓCHINOV, 2019) e *Marxismo e filosofia da linguagem*:

¹⁶ Esta obra teve sua primeira edição em 1929, tendo sido reeditada em 1930 com algumas reformulações que merecem ainda ser aprofundadas. Conforme Lähteenmäki (2012), embora tenha despertado o interesse dos linguistas soviéticos da época e gerado comentários em várias publicações de periódicos, o livro foi tirado de circulação durante o regime de Stalin e as questões elencadas por Volóchinov em “Marxismo e filosofia da linguagem” somente ganharam real notoriedade durante a década de 1970, quando foi traduzido para a língua inglesa por Ladislav Matejka e I. R. Titunik (VOLOSHINOV, 1973), e para a língua Francesa por Marina Yaguello (1977) sob a autoria de Mikhail Bakhtin e publicado pela Editora Minuit (BAKHTINE, 1977), tendo sido referido em um artigo por Viacheslav Ivanov na academia russo-soviética.

problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (VOLÓCHINOV, 2017).

Nessas obras, Volóchinov irá refletir sobre: a) as relações entre língua e poder; b) o papel indispensável da heteroglossia para caracterizar a realidade de uma nação em sua diversidade linguística; c) os modos através dos quais as práticas languageiras espelham as formas de estratificação social dos grupos através de suas relações de produção; d) as relações entre signo e ideologia através dos modos como são atribuídos valores aos signos; e e) a inscrição do outro no dizer de cada um buscando caracterizar a essência dos princípios dialógicos que constituem os enunciados e demonstrar como o dizer de cada um está sempre povoado pela palavra do outro.

O estatuto da dialogia, para Volóchinov, portanto, não está simplesmente atrelado à condição empírica de integração entre dois falantes, já que as fronteiras entre as palavras em um universo logocêntrico se diluem, tornando-se opacas.

Esse processo de diluição das fronteiras entre o dizer de um e de outrem vem caracterizar a natureza do universo dividido que constitui os enunciados, as modalidades através das quais estes comportam amálgamas de vozes, que se reiteram, entram em contradição, em conflito, o que nos permite desconstruir tanto a ilusão de autoria individual, como colocar em evidência o fato de que as mesmas palavras, ao incorporarem-se em discursos alheios distintos, desestabilizam-se e constroem redes de sentidos próprios que estão subordinadas aos contextos histórico-sociais em que são produzidas.

A noção de enunciado, sob a perspectiva materialista de Volóchinov, portanto, não pode mais ser entendida como o simples produto de uma enunciação, mas eleva-se à condição de acontecimento, pois o sentido de todo enunciado está tão determinado pelo conjunto de vozes que articula como pelas condições históricas em que emerge.

Para Volóchinov, desta forma, o foco dos estudos linguísticos não pode ser reduzido à condição meramente estrutural. A língua não pode mais ser pensada como um sistema uniforme de estruturas e relações, ao contrário, suas relações são multiformes, não havendo relações diádicas entre forma e significação.

O que caracteriza uma língua, para Volóchinov, portanto, é a sua permanente condição de hibridez. Para o autor, uma língua não pode ser concebida em sua condição real senão como efeito de cruzamentos de línguas, de múltiplas hibridações e de falares heteroglóssicos que refletem formas de segregação entre as classes.

Uma língua em que os componentes normativos suplantam as perspectivas de explicação de seu funcionamento, desprovida de variações internas, de ambiguidades, que não necessita ser questionada, enfim, uma língua transparente, que deixa de tratar com seres e objetos reais, só pode ser considerada intangível, enquanto a tangibilidade da língua, para Volóchinov, não poderia estar alicerçada na norma, na gramática, na literalidade do que é dito, ao contrário, precisaria estar submetida a permanentes condições de transformação, enquanto uma materialidade que possibilita apreender os modos através dos quais os valores sociais se inscrevem e criam raízes no ordenamento histórico e a partir dos acontecimentos.

Sob este enfoque, os sentidos do que é dito estão sempre sujeitos à ordem do devir por estarem inscritos em enunciados que comportam uma natureza híbrida, do mesmo modo que os falares de uma língua são heteroglóssicos. As palavras, portanto, reincidentem em produzir sentidos diferentes, em tornar-se outras e também em rerepresentar realidades diferentes.

Deste modo, de acordo com Volóchinov, as relações discrepantes entre as formas e as condições em que estas significam precisam oscilar entre a estabilidade das primeiras e a instabilidade das últimas, já que a própria materialidade de uma língua, enquanto um corpo material de outro corpo – o corpo social –, carrega sempre as marcas do corpo que a determina.

É este corpo maior que atribui valores às palavras, que as torna coletivas, concretas nos domínios da práxis, mutáveis, vivas e sensíveis a todo tipo de mudança. É este corpo maior, enfim, que permite inscrever as palavras em sítios ideológicos distintos, tornando-as objetos da heteroglossia.

Considerações finais

Este estudo buscou estabelecer algumas relações entre concepções de língua adotadas no oeste e leste europeus, durante os séc. XIX e XX, tendo como um de seus objetivos centrais demonstrar os tipos de influência que o leste europeu sofreu da Europa Ocidental e sob que aspectos tanto as concepções de língua como de sentido produzidas na Europa Ocidental e Oriental foram influenciadas por pressupostos de base positivista. Buscamos, também, caracterizar as mudanças de concepções de língua na passagem do séc. XIX para o séc. XX, a fim de colocar em evidência os aspectos a partir dos quais as concepções de língua no contexto do oeste assumem características específicas, colocando em relevo questões estruturais, de subjetividade e sociais, bem como as condições específicas em que as concepções de língua no contexto do leste emancipam-se de saberes religiosos e passam a

incorporar em seus domínios, sobretudo após a Revolução Russa, saberes históricos e dialéticos envolvendo relações entre a ordem simbólica e a história, os signos, seus valores e o funcionamento da dialogia, explorando obras e leituras sobre as obras de linguistas russos e soviéticos.

Referências

- BAKHTINE, Mikhail (V. N. VOLÓCHINOV). *Le marxisme et La philosophie Du langage*. Tradução de Marina Yaguello. Paris: Minuit, 1977.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica: ciência das significações*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1992.
- CALVET, Jean Louis. *Sociolinguistics: The Essential Readings*. Melbourne: Blackwell Publishing, 2006.
- COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (col. Os pensadores)
- CRAUSAZ-SIMON, Line. A.S. Puskin, créateur de langue? Regard sur une quête identitaire persistante em URSS. *Philologie slave*, Lausanne, Faculté des Lettres de l'Université de Lausanne, v. 4, p. 55-69, 2009.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão social do trabalho*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DURKHEIM, Émile. *Ética e sociologia da moral*. Tradução de Paulo César Castanheira. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- FILIN, Fedot Petrovich. *O normax i stiljx literaturnogo jazyka* [Sobre a norma e os estilos da língua normativa]. Moscou: Institut Jazykoznanija, 1967.
- FILIN, Fedot Petrovich. Russik jazyk [A língua russa]. *Russik jazyk Ènciclopedija* [Enciclopédia de Russo]. Moscou: [s. n.] 1979.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- IVANOVA, Irina. A noção de língua na linguística russa (segunda metade do séc. XIX – começo do séc. XX). In: ZANDWAIS, Ana (org.). *História das ideias: entre a língua e o discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2023, p. 15-36.
- JAKUBINSKIJ, Lev Petrovič. *Sobre a fala dialogal*. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e Suzana Leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- LÄHTEENMÄKI, Mika. Valentin Voloshinov: signos, ideologias e sentido. Tradução de Rodrigo G. Garay e Ana Zandwais. In: ZANDWAIS, Ana (org.). *História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2012, p. 92-117.
- LEROY, Maurice. *As grandes correntes da linguística moderna*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MEILLET, Antoine. Comment les Mots Changent de Sens. *L'Année Sociologique* (1896/1897-1924/1925), v. 9, p. 1-38, 1904.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Genebra; Paris: Slatkine; Champion, 1921. [Collection Linguistique publicada por La Société de Linguistique de Paris – VIII]
- ORLANDI, Eni P. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, n. 61, ano 14, jan./mar. 1994.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Paris: Ed. Payot, 1916.

- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SÉRIOT, Patrick. A sociolinguística soviética era neomarrista? Contribuição para uma história das ideologias linguísticas na URSS. Tradução de Paula F. Malaszkiwicz. In: ZANDWAIS, A.; ROMÃO, Lucília Maria S. (org.). *Leituras do político*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2011, p. 29-52.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- VOLÓCHINOV, Valentin. O que é a linguagem/língua? (1930). In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. e org. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, p. 234-265.
- VOLOSHINOV, Valentin. *Marxism and the Philosophy of Language*. Tradução de Ladislav Matejka and I. R. Titunik. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1973.
- VOLOSINOV, Valentin Nikolaievic'. Qu'est-ce que La langue et Le langage? Dans *Marxisme et philosophie Du langage*. Tradução de Patrick Sériot e InnaTylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert Lucas, 2010, p. 520-566.

Recebido em: 12/08/2024; **Aceito em:** 13/08/2024.